

5. O sacerdote Gaspar

5.1. Com os jovens: os Oratórios

Em meio à situação de conflitos e violência que agitava Verona, Pe. Gaspar, que havia assumido os cuidados dos jovens da Paróquia de São Paulo, encontrou-se diante de uma realidade dramática: as contínuas devastações dos exércitos haviam reduzido à miséria a maior parte da população.

No meio de tudo isso, quem mais sofriam eram os jovens, com a falta de escolas e o fechamento de toda atividade artesanal ou comercial, que haviam provocado desemprego e dificuldades de todo gênero.

A mendicância havia se tornado comum a muitos, mesmo aos mais jovens; os trombadinhas não tinham mais número. Eram bandos de meninos e meninas que se espalhavam pela cidade, metendo medo.

Pe. Gaspar não se perguntou o que poderia fazer, mas começou imediatamente a interessar-se pelos jovens.



Assim, iniciou a sua missão junto à juventude, reunindo-os e incentivando-os, com iniciativas constantes: boas leituras, sólidas exortações espirituais, momentos de entretenimento e de jogos.

O grupo ia crescendo, e Pe. Gaspar começou a fundar Oratórios, cuja finalidade não era apenas a de santificar a preparação para a Missa ou para o Catecismo, mas também a de entreter os jovens por todo o dia com cantos e jogos.

Todos os matriculados no Oratório deviam distinguir-se pelo esforço e constância, freqüentar a escola, ou estar encaminhados para as “artes e ofícios”.

Para Pe. Gaspar não existiam meias medidas: um jovem que se doou a Deus devia revelar isto claramente, com sua vida.

Os frutos eram logo percebidos, pois as famílias não ficavam satisfeitas enquanto seus filhos não fossem matriculados no Oratório. Os patrões, quando percebiam que um jovem era recomendado por Pe. Gaspar, ficavam felizes em recebê-lo em sua oficina.

O Oratório de São Paulo tornou-se famoso em toda a cidade, e o trabalho estava destinado a crescer enormemente. Surgiram, em breve, os Oratórios de S. Estevão, dos Santos Nazário e Celso, de S. Anastácia e de S. Jorge.

Pe. Gaspar instituiu uma estrutura particular que chamou “Coorte Mariana”, pela particular proteção que havia pedido a Maria para seus jovens. Esta idéia, que precedeu os tempos, foi assumida em nosso século pelo movimento da Ação Católica.

5.2. Com os encarcerados

Também naquele tempo os cárceres viviam superlotados: presos políticos, delinqüentes comuns, menores desviados etc não faziam mais do que multiplicar incômodos e violências de todo tipo.

Conforme nos relata seu biógrafo: “Nos cárceres, Pe. Gaspar visitava e confortava os transviados, e, com a doçura da exortação e da instrução, levava-os não somente a suportar com paciência o castigo merecido, mas a agradecer ao Senhor, porque, na sua sabedoria e caridade, serviu-se daquele meio para reconduzi-los ao caminho certo, dando-lhes uma liberdade maior: a graça de Deus”.

5.3. Com os doentes

Em 1806 as autoridades públicas decidiram abrir um pequeno hospital perto da Torre del Bartello della Vitoria, para os doentes.

Os recursos disponíveis eram irrisórios. Por outro lado, se era difícil o encontro com os sãos, tornava-se pior com os doentes: toda esperança se desvanecera, multiplicavam-se as imprecações por uma vida privada de satisfações, maldizia-se a Deus por um destino tão amargo.

Foi chamado então o jovem Pe. Gaspar, pelo interesse e o empenho que prodigalizara em favor desta humanidade humilhada e sofredora.

Foi necessária toda a paciência e caridade do jovem padre para dar um pouco de serenidade a um ambiente condenado ao desespero e à morte.

Não perdeu a coragem: com o médico responsável, começou um trabalho de assistência e de conforto, que levou um pouco de serenidade e de resignação a tantas almas sofredoras.

6. O contexto de Verona e a missão de Pe. Gaspar

6.1. O fechamento dos Oratórios

A experiência com os Oratórios sofreu uma brusca freada em maio de 1807, quando um decreto do governo napoleônico proibiu em todo o reino “as confrarias, as congregações, as companhias e, em geral, todas as sociedades religiosas leigas...”.

Pe. Gaspar teve de suprimir toda forma de organização externa e continuar a atividade somente no âmbito Paroquial, também porque surgiu uma vigilância especial do diretor de polícia, que não omitiu “desconfianças, ameaças, suspeitas, ordem de vigilância particular sobre Pe. Gaspar Bertoni”.

A redução do compromisso com os Oratórios permitiu a Pe. Gaspar uma assistência mais contínua e freqüente aos feridos e doentes que continuavam a chegar na cidade. Como os hospitais não eram mais suficientes para conter o número crescente de pacientes, as igrejas e os conventos abriram suas portas para acolher os necessitados.

Sobre os doentes, Pe. Gaspar escreveria, posteriormente, em seu “Memorial Privado”: “O nosso mundo é um grande hospital de doentes: todos se queixam, mas ninguém acaba sarando, mesmo quando há um remédio adequado. Este remédio é a oração, a qual não se faz ou se faz normalmente mal”.

6.2. A crise no Seminário

Em 1809, a vida do Seminário tinha sido seriamente comprometida por um péssimo pró-reitor, que foi afastado de seu cargo com a intervenção da polícia. Somando-se a este fato, as feridas provocadas pelas novas doutrinas ainda estavam abertas, e o seminário tornara-se palco de uma mistura de maus costumes e desordens.

Foi então que, em maio de 1810, o bispo D. Lirutti manifestou a Pe. Gaspar o propósito de confiar à sua sabedoria e capacidade de discernimento a direção espiritual dos seminaristas. O nosso santo tentou a todo custo apresentar as dificuldades e os limites de sua pessoa para um encargo tão delicado, mas a firmeza do bispo não conheceu obstáculos.

Pe. Gaspar começou a nova obrigação com a pregação dos exercícios espirituais. Estavam presentes 143 estudantes internos e 25 externos, dos quais 60 de Teologia, além de diversos sacerdotes, que aproveitaram aquela ocasião para retemperar seu espírito.

Sem meios termos, denunciou a situação grave de alguns eclesiásticos de vida mundana, feita de frivolidades e de vaidades; o mau costume do clero de ir “mendigar auxílios e proteção junto aos ricos e poderosos a preço de um servilismo degradante”.

Insistia sempre em que os seminaristas deveriam dedicar-se à oração; ele, que havia chegado a uma união com Deus verdadeiramente intensa e singular, não economizou duras censuras a quem não sabia dar um pouco do seu próprio tempo a Deus.

Durante anos Pe. Gaspar desenvolveu esse encargo de diretor espiritual, trabalhando duramente na reforma do Seminário, que custou a ele fadigas e orações contínuas, mas deu-lhe também consolações.

Em 1815, o historiador Sommacampagna escrevia: “O Seminário é um mosteiro de monges mais que de jovens eclesiásticos”, pois de tal modo transparecia a ordem, a disciplina e os ideais mais sublimes dos conselhos evangélicos”.

6.3. O Clero

No momento em que o anticlericalismo estabelecia-se cada vez mais na cidade, a diocese de Verona ficou também privada da orientação de seu bispo, D. Avogadro, que tinha se demitido do cargo.

Não era fácil a nomeação de um sucessor, porque as idéias revolucionárias da França, penetrando na Itália, tinham feito degenerar a mentalidade religiosa não só dos seminaristas, mas também de vários padres. Os maus exemplos dos sacerdotes atingiam de maneira extremamente negativa os alunos do seminário, que por sua vez também se indisciplinavam e se entregavam a tristes desmandos.

Havia padres que freqüentavam bailes, que saíam mascarados, que cometiam crimes, que se embebedavam, que se intrometiam na política, que se davam à desonestidade e à apostasia. Havia outros que não chegavam a tanto, mas, influenciados pelo novo e deletério ambiente, fizeram-se relaxados em seus deveres sacerdotais.

Esses exemplos destrutivos, entrando pelo seminário, arrasavam as vocações, ainda imaturas, dos seminaristas, e provocavam neles a simpatia por aquela confusão toda.

Chegou, por fim, o novo bispo de Verona, Dom Innocenzo Lirutti, em 1808, e publicou uma carta pastoral em que proibia os sacerdotes de “usar máscaras, freqüentar teatros, comédias e bailes”, sob pena de suspensão imediata “a divinis” (a proibição de exercer o ministério sacerdotal).

Aos 25 de abril de 1810, Napoleão, com um decreto de supressão de todas as ordens religiosas masculinas e femininas, infringia um duro golpe na própria vida da Igreja. O intento era golpear as forças religiosas mais vitais, para domesticá-las à sua vontade.

Os perigos daí decorrentes foram muitos: dentro da própria Igreja não faltavam divisões e defasagens; cardeais vermelhos ou negros, segundo sua adesão ao Papa ou ao imperador; sacerdotes mais interessados na carreira e na aquisição de riquezas que no serviço pastoral; fieis desarvorados pela incredulidade e pelos maus costumes. Tornava-se cada vez mais urgente uma profunda renovação que partisse do seio da própria Igreja.

O Bispo D. Lirutti recolheu, então, alguns desses eclesiásticos no Seminário, para que, através da penitência e da conversão, reencontrassem as motivações profundas de sua vocação sacerdotal.

Nesta ocasião, por volta de 1812, Pe. Gaspar havia sido acometido por uma gravíssima doença contagiosa, a miliar, e em poucos dias chegou à beira da morte. Mas ele era “tão venerado junto ao clero e ao povo, que foi uma oração unânime para que o Senhor devolvesse a saúde a um ministro tão trabalhador, a uma alma tão cara e preciosa”.

Dois dias depois de ter ditado suas últimas vontades ao tabelião, Pe. Gaspar estava fora de perigo. O projeto a que Deus o orientava estava apenas esboçado e não havia chegado ainda o momento da chamada definitiva.

Quando D. Lirutti o viu na casa episcopal, alegrou-se pela prova superada, e confiou a ele a direção espiritual dos padres que ele havia recolhido no Seminário para correção, além dos seminaristas, os quais ele já dirigia espiritualmente. Declarou também que o queria pregador dos exercícios espirituais de Santo Inácio, dentro do mesmo seminário.

Pe. Gaspar pediu ao bispo que não o nomeasse para pregador, pois não se sentia preparado; mas, diante da confirmação de seu nome pelo bispo, obediente curvou-se à decisão do prelado. Preparou-se devidamente, e, no dia marcado, iniciou o retiro extravasando nas pregações não só o conteúdo dos exercícios, mas também o seu calor íntimo de virtude e de vivência em Deus. Tanto que o resultado, ao fim do retiro, foi dos melhores e dos mais raros.

A recuperação do clero e a reconstrução da vida cristã e eclesial foi se realizando rapidamente. Tanto isto é verdade que, alguns anos depois, o clero de Verona se havia tornado exemplar e o seminário podia ser considerado uma forja de sacerdotes zelosos e modelares.

É claro que não se pode atribuir todo o mérito da reforma unicamente a Pe. Gaspar. Outros sacerdotes virtuosos trabalharam lado a lado para atingir tão elevado objetivo, como: Leonardi, Fortis, Provolo, Steeb e outros, além dos zelosos bispos D. Lirutti e D. Grasser, que se sucederam na direção da diocese de Verona. A Pe. Gaspar coube uma parte bem audaciosa e difícil, nesse trabalho tão importante e urgente, dentro do ambiente do clero veronês do seu tempo.

Vem, a propósito, aquele trecho da Sagrada Escritura: “Eu plantei, Apolo regou, mas Deus é quem faz crescer. Assim, nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas só Deus, que faz crescer. O que planta ou o que rega são iguais; cada um receberá a sua recompensa, segundo o seu trabalho.” (1Cor 3,6-8).

Sobre este trecho, Pe. Gaspar comenta: “Ninguém, mesmo se chamado a missão extraordinária, julgue estar sozinho; encontrará, pela caminhada, muitíssimos companheiros, impregnados de igual e maior espírito do Senhor”.

6.4. O ressurgimento dos Oratórios

Em 1814, quando os austríacos tomaram posse de Verona, após os revezes franceses, a mudança de situação política dava novo respiro a muitas iniciativas católicas. Assim, reviveram também os Oratórios Marianos, que haviam conhecido anos de silêncio e de inatividade em toda a cidade.

Pe. Gaspar pode, então, voltar a intensificar sua atividade com os jovens, a qual, na verdade, jamais havia abandonado.

No entanto, não se poderia imaginar que, de uma hora para outra, a situação ficasse totalmente propícia, devido às interferências da autoridade civil em matéria religiosa.

6.5. A grande missão popular de São Firmo

Em maio de 1816 uma outra experiência particular iluminou o projeto que, devagarinho, Deus estava revelando a Pe. Gaspar: a grande missão de São Firmo.

Convém recolocar-nos dentro daquele ambiente que já descrevemos acima, quanto ao contexto de Verona: por quinze anos, e até mais, tinha-se repetido a palavra “liberdade”, entendida como libertação de toda a lei de Deus, e, portanto, como libertinagem. Para os divulgadores daquela falsa doutrina, já não era preciso ter medo do inferno, nem pensar em pecado, em ofensa a Deus. Todos passavam a ser completamente livres.

Além disso, em 1816, Verona, como outras regiões da Itália e da Europa, curtia as amarguras da fome, devido à carestia tremenda e ampla, que parecia advertir os homens acerca daqueles desmandos da liberdade.

Como resultado, havia muita gente que, feita a experiência do descontrole, ou prejudicada pelos libertinos, sentia um gigantesco enjôo de toda esta situação sem Deus e sem moral. Como o filho pródigo do lar paterno, em meio à penúria e aos porcos (Lc 15,11-32), ansiavam por um retorno ao Pai sábio e misericordioso.

Para grandes males, grandes remédios. As autoridades religiosas de Verona receitaram extensas missões populares. Na Paróquia de São Firmo, as missões tiveram por dirigente um valoroso missionário, o Cônego Luigi Pacífico Pacetti, que teve como digno auxiliar neste importante ministério o Pe. Gaspar Bertoni.

A missão durou de 4 a 25 de maio. Contudo, os trabalhos dos dois pregadores não se desenrolaram tão pacificamente como se poderia imaginar. O Cônego Pacetti comentou que sofreu na missão de São Firmo dificuldades tão fortes que pareciam provir do inferno inteiro: dificuldades causadas por pessoas malévolas, que espalharam falatórios de todo o gênero contra a missão!

A situação chegou a tal ponto que o bispo ordenou a suspensão das pregações. Mas, entrando em ação os que se interessavam pela continuação da missão, conseguiram que ele retirasse a ordem. Ele concordou, com a condição de que se eliminassem os sermões dialogados.

Naquele tempo, estava em uso esse tipo de sermão, que consistia de dois pregadores, um apresentando objeções contra a doutrina da Igreja e o outro mostrando, com argumentos, o erro das objeções e apontando a doutrina certa. Contudo, esse sistema culminava em grande perigo, pois, se o pregador que representava o erro fosse mais eloqüente do que o que defendia a doutrina, o povo guardava mais facilmente o erro do que a verdade.

A missão de São Firmo então prosseguiu, tendo por pregador apenas um de cada vez, eliminados completamente os sermões dialogados. Chegou ao fim, no dia programado, 26 de maio, e foi tão grande o bom resultado desta missão que o bispo solicitou que fosse feito um tríduo de agradecimento a Deus.

Contudo, as maquinações dos adversários do bem, os quais já haviam tentado impedir a realização das missões, conseguiram convencer o governador, residente em Verona, a suspender o tríduo no seu segundo dia.

Pe. Gaspar, logicamente, obedeceu a ordem, mas, como sabia que aquela proibição vinha incitada pela maldade da calúnia, descobriu logo um jeito para substituir o tríduo pela Via Sacra, que não tinha sido proibida... E, com a sua habilidade oratória, a sua inteligência extraordinária, o seu conhecimento de Teologia e da Sagrada Escritura, conseguiu, com toda facilidade, fazer em cada estação reflexões tão bem adaptadas, que, na verdade, a Via-Sacra foi transformada numa espécie de recapitulação das missões, sem, no entanto, se desviar da meditação de cada um de seus passos.

No ano seguinte, os mesmos dois pregadores, Cônego Pacetti e Pe. Gaspar, desta vez acompanhados do virtuoso e muito preparado Pe. Leonardi, pregaram o Oitavário, de 8 a 16 de maio. De certo modo, o Oitavário trouxe à memória do povo a lembrança das missões de 1816.

Por esse dinamismo apostólico de Pe. Gaspar, somado à ação incansável de outros colegas de sacerdócio, Verona mudou de fisionomia: a mesma transformação espiritual que se realizou no clero também se efetuou nos fiéis e nos pecadores em geral.

6.6. “Missionário Apostólico”

Como conseqüência das atividades missionárias de São Firmo, o Cônego Pacetti pediu à Santa Sé, em favor de Pe. Gaspar, o título, muito merecido, de MISSIONÁRIO APOSTÓLICO. Ele aduziu, como razão deste pedido, o fato de que Pe. Gaspar havia pregado missões, por várias vezes, junto com ele, e que sempre se demonstrou zeloso no trabalho, sábio e seguro na doutrina, recomendável na vida exemplar. A Santa Sé atendeu o pedido do cônego e conferiu a Pe. Gaspar o honroso título em 20 de dezembro de 1817.

7. A fundação de uma Congregação religiosa

7.1. A inspiração proveniente de Santo Inácio

Pe. Gaspar deixou escrito, nos seus apontamentos, um trecho, datado de 1808, no qual sugere ter recebido inspiração do Alto, com referência à fundação de uma congregação religiosa.

Este trecho fala de Santo Inácio, que foi o fundador da Ordem dos Jesuítas, que havia sido suprimida em 1773, devido a uma bem organizada perseguição contra ela, e cuja suspensão ainda vigorava no ano em que foi escrito.

Eis o trecho citado:

“Numa visita ao altar de Santo Inácio, com os meus companheiros, experimentei muita devoção e recolhimento, mais alguma suavidade interna e alguma lágrima, embora a visita fosse breve. Parecia-me que o santo me acolhia com boa sombra e me convidava a promover a maior glória de Deus, seguindo os mesmos caminhos, mas não por todos os modos, como ele fez. Parecia-me que nos queria dizer: “Coragem, soldados de Cristo, armai-vos de fortaleza, pegai do escudo da fé, do capacete da salvação, da espada da palavra e pelejai contra a antiga serpente, fazei reviver em vós o meu espírito, e também nos outros por vosso intermédio”.

Nestas palavras de Pe. Gaspar lê-se uma inspiração proveniente de Santo Inácio, e que este santo o instiga a reavivar, numa CONGREGAÇÃO RELIGIOSA, a mentalidade parecida com a que ele mesmo havia instilado na Ordem dos Jesuítas.

7.2. A confirmação divina

Pe. Gaspar não se cansava de orar a Deus. Precisava entender bem claro se a Sua vontade sacrossanta era, de fato, que ele fundasse uma congregação religiosa.

Um dia, Deus respondeu-lhe através de uma visão. Fez saber-lhe que, verdadeiramente, Sua vontade era que ele, Pe. Gaspar, instituísse uma congregação de religiosos.

O próprio fundador contou o acontecimento ao Pe. Marani, por volta de 1812. Realmente, ele não gostava de comunicar a ninguém suas intimidades com Deus, mas decidiu-se a abrir o seu segredo ao Pe. Marani porque visava manter em sua companhia um certo grupo de padres, amigos íntimos. Com eles, tencionava iniciar a sua Congregação.

7.3. Os primeiros passos

Em 1816, já com a idéia da fundação da congregação em mente, com maior assiduidade Pe. Gaspar começou a reunir em sua casa sacerdotes, e também alguns seminaristas, tomando como pretexto o estudo da Teologia.

A turma inicial que se reunia com ele era formada por: Pe. Mateus Farinati, Pe. Caetano Allegri e Pe. Giovanni Maria Marani, mais o seminarista Nicola Mazza. Com o tempo, surgiu no grupo mais um elemento: o seminarista Luís Bragato.

Como os tempos eram bem difíceis, por causa das artimanhas da heresia chamada “Jansenismo”, eles se preparavam em tais reuniões para combater aquelas aberrações religiosas, as quais tinham transtornado a mentalidade do povo, e até de sacerdotes.

Por aceitação geral, o líder dos estudos era sempre Pe. Gaspar. Estudavam com afinco os ensinamentos de Santo Tomás de Aquino, quanto à Teologia Dogmática; a doutrina prudente e suave de Santo Afonso de Ligório, quanto à Teologia Moral. Aprofundavam seus conhecimentos acerca da Sagrada Escritura. Na literatura italiana, de que necessitavam para

falar nos sermões e conferências, enfronhavam-se nas riquezas literárias da obra de Dante Alighieri, o célebre autor da “Divina Comédia”.

Mas não se pense que tudo isso era fácil: as reuniões de pessoas eram proibidas; a polícia desmantelava os grupos que encontrasse. Somente a intervenção do bispo diante das autoridades, provando que aquelas reuniões só tinham motivos de estudo e não de política, conseguiu atenuar as suspeitas da polícia.

As circunstâncias, portanto, não favoreciam de maneira alguma a intenção de Pe. Gaspar, que ia se formando, de fundar uma congregação religiosa. Todos os conventos haviam sido fechados, e expulsos os religiosos, de sorte que era proibido existir uma congregação religiosa, qualquer que fosse.

Entretanto, Pe. Gaspar sabia que era vontade de Deus que fundasse uma congregação religiosa. Por isso, nada temeu. Deu tempo ao tempo. Enquanto o tempo corria e se esperavam melhores condições, ele e os seus primeiros companheiros iam se preparando no estudo e na piedade.

A experiência comunitária amadureceu claramente em Pe. Gaspar o desejo de partilhar com outros padres e seminaristas um estilo de vida religiosa mais intensa. Torna-se mais clara a obra a que Deus está para chamá-lo: viver com mais alguns observantes o espírito dos conselhos evangélicos.

É extraordinária a visão profética que o acompanha; em um período em que as Ordens religiosas são supressas e todas as instituições católicas são colocadas de lado, ele começa uma experiência de vida comunitária, de confronto e de empenho com alguns entre os mais zelosos eclesiásticos de então.

7.4. A entrada nos “Estigmas”

O ano de 1816 marcou uma mudança decisiva na vida de Pe. Gaspar. Em 4 de novembro, ele e alguns companheiros estabeleceram-se em um edifício recebido por doação, destinado a servir de escola, e, muito mais, a ser o berço da congregação religiosa que ele iria fundar.



Escola, Casa e Igreja dos Estigmas em Verona

Este prédio era denominado “Casa dos Estigmas”, porque a Igreja anexa era dedicada às Chagas de São Francisco de Assis. Como se sabe, São Francisco recebeu, em seus membros, as cinco chagas, ou estigmas, ao modo daquelas que feriram mãos, pés e peito de

Jesus. Dai então o nome da Escola, do Convento e, com o correr do tempo, também da Congregação fundada por Pe. Gaspar: “Congregação dos Sagrados Estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo”.

A finalidade de escola era para suprir as necessidades dos mais pobres e de mais baixa condição social, os quais não encontravam vagas nas escolas de Verona. Vivendo em constante contato com Deus, Pe. Gaspar tinha, por esta razão, um grande senso da realidade. Percebeu o problema, e, na medida das suas forças, tentou resolvê-lo. No capítulo referente à escola trataremos com maiores detalhes deste assunto.

Com Pe. Gaspar entraram nos Estigmas, naquele frio 4 de novembro: Pe. Giovanni Maria Marani, seu velho discípulo, e o torneiro Paulo Zanolli, com apenas 23 anos, de São Firmo, que passou a ser cozinheiro e almoxarife, sem nada entender do riscado.

7.5. O crescimento da família religiosa

Um mês mais tarde juntava-se ao pequeno grupo também o Pe. Michelangelo Gramego, que, com seu espírito jovial, será “a delícia da nascente congregação”.

No dia 1º de janeiro de 1817 será a vez do Pe. Mateus Farinati, de temperamento mais calado, mas que “servia para tudo”.

Em outubro do mesmo ano a Providencia enviou um outro padre para a nascente comunidade: Pe. Caetano Brugnoli, arquiteto, que se tornará precioso para a restauração dos imóveis, fechados desde há muito tempo.

Em outubro de 1818 juntou-se ainda ao pequeno grupo o Pe. Luís Bragato, que se tornaria o “filho predileto” de Pe. Gaspar.

Aos 14 de março de 1822 entrou nos Estigmas Pe. Francisco, dos Condes Cartolari. Abandonando as riquezas e as comodidades da nobre família veronesa, da qual, como primogênito, tornara-se um ano antes administrador, escolheu a pobreza dos Estigmas, fascinado pelo estilo de vida de Pe. Gaspar.

Dotado de grande capacidade, preferia sempre os ofícios mais humildes, dizendo: “Este é o meu alimento!”. O estilo de vida não mudou com o recém chegado. Irmão Zanolli continuou preparando seus pratos vegetarianos, e Pe. Francisco saboreava aquele alimento sempre reduzido com um sentido de gratidão a quem oferecia.

Para enrubescê-lo, bastava lembrar-lhe a nobreza do seu nascimento. O “pobrezinho dos Estigmas” sabia sentir-se bem diante de todas as privações, porque aqui “havia encontrado o tesouro escondido no campo”.

O ambiente de trabalho, depois da abertura da Igreja ao público, tornou-se totalmente insuficiente, também porque, em 1823, a escola chegou a formar um ginásio completo, com cerca de 130 alunos. Foi então que o Pe. Brugnoli projetou a construção de uma parte do convento para habitação dos padres. Os alunos poderiam assim dispor de salas de aula e de espaços mais amplos para todas as suas atividades.

A paixão pelos jovens multiplicava as iniciativas de Pe. Gaspar, que decidiu instituir, a convite do pároco, também nos Estigmas, um Oratório Mariano, que tornou-se para os outros oratórios da diocese um ponto de referência constante: todo domingo de manhã seguiam-se à Missa o catecismo e outras práticas de piedade.

Aos 25 de julho de 1824, passados cerca de 8 anos da fundação do Instituto, vai juntar-se a eles e a Pe. Gaspar o Pe. Modesto Cainer. Destemido e confiando em Deus, seguia as pegadas do exemplo dos primeiros.

Mais cinco anos passados, em 1829, aos 11 de novembro de 1829, agrega-se àquela turma de virtuosos religiosos o Pe. Francisco Benciolini, jovem cheio de entusiasmo e de amabilidade.

Aos 2 de setembro de 1830, chega novo personagem para aquela vida de cristãos de fibra: Pe. Inocencio Venturini, que se tornaria um incomparável catequista popular, especialmente na língua dialetal.

Aos 27 de março de 1831 entrava no silêncio dos Estigmas Pe. Vicente Raimondi, professor de Teologia, suscitando maravilha e admiração em toda Verona.

Faziam também parte da comunidade dois seminaristas, Carlos Fedelini e Luís Biadego, que, terminado o curso de Teologia, prosseguiram sua formação científica, que continuariam mesmo depois da ordenação sacerdotal.

Aos 22 de abril de 1834 Pe. Gramego registra o vigésimo ingresso nos Estigmas: e um jovem de 17 anos, João Batista Lenotti, que Pe. Gaspar acolheu “com toda expansão do seu coração fraterno”.

Alguns meses depois, aos 29 de junho, era a vez de um outro estudante, Luís Ferrari, sobre o qual Pe. Gramego anotou nas memórias: “Veremos se agüentará!”.

Mais pessoas continuaram a acorrer para viver naquele convento bendito: o Irmão Coadjutor Ângelo Casella e o Pe. Inocencio Raimondi, que era professor no seminário diocesano.

Aquele gênero de comportamento, repassado de penitência e severidade, não era abraçado por mero desejo de faquirismo, simples e vaidosa ostentação de insensibilidade e coragem, mas realmente por uma razão muitíssimo mais alta, pelo amor total a Jesus. Por isso, ele se transforma, muda a sua feição de pavor e passa a adquirir belezas nunca imaginadas. Tem a capacidade de realizar a personalidade cristã do homem, como realizou a de Pe. Gaspar Bertoni e a de seus seguidores, os religiosos da Casa dos Estigmas em Verona.

8. A vida na Casa dos Estigmas

8.1. Os tempos iniciais nos Estigmas

O começo foi difícil. A Igreja e os imóveis anexos tinham necessidade de uma imediata reforma, porque, por muitos anos, desde a supressão da “Confraria dos Estigmas”, aqueles locais ficaram fechados e abandonados.

A pequena comunidade alojou-se na casa do guarda, atrás da Igreja, no beco dos Estigmas. Uma entrada inclinada com poço e cantina, uma cozinha com um amplo fogão no térreo e dois quartos no piso superior. À essas dificuldades se juntaram o frio cortante, que naquele ano se fez sentir muito cedo, com gelo e neve, e uma tremenda carestia, que atingiu toda Verona.

A casa era pobre e carente do mínimo que se pode esperar de uma casa de moradia: estava em péssimo estado, e com acomodações insuficientes, principalmente considerando-se que tinha que funcionar também como escola. Como resultado, depois do levantar os ocupantes de cada quarto tinham que tirar as camas, colocar no lugar as carteiras e os bancos, a mesa do professor e tudo o que fosse necessário para as aulas do dia. À tarde, após as aulas, repetia-se o inverso, e assim todos os dias.

Com tanta pobreza, nem se pensava em buscar empregados. Os próprios membros da comunidade, padres e irmãos, se encarregavam do serviço, dia por dia, durante o ano letivo inteiro.

Esse era apenas um trabalho à parte, porque o verdadeiro trabalho deles eram as aulas, os Oratórios Marianos, as pregações, as confissões, os atendimentos de pessoas, as solicitações religiosas de toda a sorte.

Se perguntarmos pela alimentação, naqueles trabalhosos e difíceis princípios, responderá o Irmão Paulo, o cozinheiro: segunda-feira, ao almoço: polenta e sopa de verdura; à tarde: sopa de verdura e polenta. Terça-feira, ao almoço: como na segunda-feira; ao jantar, também. Quarta-feira: tal qual a terça-feira. Já na quinta-feira, repetia-se o cardápio do dia anterior. A sexta-feira traria alguma novidade? Nenhuma, assim como o sábado.

Se tinham atravessado a semana somente na base da polenta e sopa de verdura, que mal havia em que o domingo seguisse o mesmíssimo tipo de cardápio? Assim, não existiam problemas para o Irmão Paulo, o cozinheiro...

A austeridade que marcou a comunidade no início não foi casual: Pe. Gaspar a quis como distintivo por toda a vida. Por outro lado, era a primeira comunidade que nascia em Verona “segundo o estilo dos religiosos”, depois da supressão napoleônica de todas as ordens.

Também os novos patrões, os “catolicíssimos” austríacos, não viam com bons olhos as instituições religiosas. Todavia, a nova comunidade se justificava por uma obra social em que estava empenhada: uma escola para meninos pobres da cidade.

Os primeiros dias serviram para sistematizar de algum modo o ambiente e fazer as matrículas. Depois de 9 dias, aos 13 de novembro, abriu-se oficialmente a “Escola dos Estigmas”: 48 alunos, divididos em duas classes, sendo uma elementar, confiada a Pe. Marani e colocada no coro da Igreja, e uma classe de “latim”, que Pe. Gaspar orientava na Sacristia.

Aqueles rapazes, aos quais ele havia dedicado os mais belos anos de suas primícias sacerdotais nos Oratórios Marianos, agora os encontrava como alunos de gramática, em uma Sacristia avariada. Não havia perdido o gosto pela companhia deles, pelas risadas espontâneas e barulhentas, pelas brincadeiras engenhosas e pelas respostas prontas.

O que lhe importava era a formação humana e cristã daqueles rapazes, prontos a enfrentar a vida como homens de fé, dispostos, também, se chamados, a seguir a Deus mais de perto. Desse primeiro pequeno grupo, dois se tornaram sacerdotes mais tarde.

8.2. A abertura da Igreja ao público

Na primavera de 1817 foram restaurados os vitrais da Igreja, e iniciaram-se os trabalhos no telhado. A reforma era lenta, e os padres, nos momentos livres, trabalhavam como serventes de pedreiro, para acelerar a obra. O próprio Pe. Gaspar, conforme a lembrança de uma testemunha ocular, foi visto muitas vezes “com o carrinho de mão, fazendo as vezes de servente”.

O segundo ano nos Estigmas iniciou com oitenta alunos. O trabalho crescia, e, em outubro de 1817, passou a ser comandado pelo Pe. Caetano Brugnoli, arquiteto, que acabara de ingressar nos Estigmas.

A Igreja dos Estigmas, finalmente colocada em ordem, foi aberta ao público.

O painel do altar mor era uma preciosa pintura de um autor desconhecido e representava os “Esponsais de Maria e José”. Pe. Gaspar confiou toda a obra nascente à proteção deles, e os indicou como modelos e patronos.

8.3. A cruz entra em casa

Os companheiros de Pe. Gaspar, com ele mesmo à frente dando o exemplo, optaram por uma vida extremamente mortificada e trabalhosa. O que os levava ao Convento dos Estigmas era o ideal de vida sobrenatural, no seguimento de Cristo, em tudo e por tudo, sem restrições.

O que lhes dava coragem para tanto era, sem a mínima dúvida, a graça de Deus, que os vocacionava para aquele convento. Porque é certo que, quando Deus chama alguém por um determinado caminho, ajuda igualmente a caminhar e perseverar na caminhada.

Na Casa dos Estigmas a cruz da penitência era sempre bem-vinda e procurada. Outras cruzes, porém, de gênero muito diferente, aceleraram a purificação espiritual daqueles valorosos membros da Igreja de Cristo.

Por volta de 1818, Pe. Gaspar enfermou gravemente. A preocupação foi geral, dentro e fora do convento, entre o povo humilde e nas altas rodas de Verona. Todo o mundo rezou, até mesmo com preces comunitárias e públicas.

A doença atacou igualmente Pe. Luís Bragato, o filho predileto de Pe. Gaspar, que, para se tratar, teve que abandonar o convento, ainda que temporariamente.

Contudo, outras cruzes, ainda de gênero diferente, entraram no convento dos Estigmas: chegaram sob a forma da calúnia. Os boateiros soltaram no ar o falatório de que nos Estigmas os religiosos viviam à toa, no ócio, desocupados; cercavam-se de conforto e só queriam tranquilidade e boa vida.

O bispo, tomando conhecimento dos boatos, simplesmente chamou os caluniadores e foi com eles à Casa dos Estigmas. Apresentou-se inesperadamente, e com eles visitou as dependências da casa, informou-se dos trabalhos que os religiosos desenvolviam dia por dia. Ia vendo e ouvindo, juntamente com os caluniadores. Por fim, ao despedir-se, abençoou aqueles primorosos cristãos, e, sempre na presença dos caluniadores, declarou-se satisfeito com a vida que levavam e com os trabalhos que desenvolviam. Não será preciso dizer que os boateiros ficaram esplendidamente desmontados.

Contudo, Pe. Gaspar havia dado o cunho de uma experiência tipicamente religiosa à vida nos Estigmas. Não faltavam momentos de alegria e felicidade entre os padres, apesar do estilo de vida rígido e severo. Nas memórias da comunidade lê-se que Pe. Gramego, com seu espírito

jovial e alegre, tudo fazia para espalhar um pouco de alegria sobre a mesa pouco risonha, nas refeições.

Pe. Gaspar queria os seus filhos “monges em casa e apóstolos fora”, homens de oração e de estudo, para estarem preparados para os diversos tipos de apostolado ao qual são chamados.

O próprio local dos Estigmas, pouco fora dos muros, mas longe dos rumores e das distrações mundanas da cidade, prestava-se a uma vida de intenso recolhimento e de silêncio. De manhã, o convento era invadido pelos gritos alegres dos estudantes, mas à tarde tornava-se deserto. Não havia ainda para os padres da nascente congregação regras escritas; era suficiente o modo de vida do pai para guiar os primeiros passos à perfeição.

8.4. A enfermidade de Pe. Gaspar

Já relatamos que, por volta de 1812, portanto aos seus 35 anos de idade, Pe. Gaspar contraiu a miliar, que é uma gravíssima doença contagiosa, que o levou à beira da morte. Foi uma oração unânime pelo seu restabelecimento. Dois dias depois de ter ditado as suas últimas vontades ao tabelião, estava fora de perigo (veja 6.3).

Mas a grave doença ainda não estava totalmente debelada. No verão do ano seguinte o encontramos convalescendo por breve período em Colognola ai Colli, dos condes Nichesola, seus tios.

Em 1814, e depois em 1815, outras recaídas o fizeram compreender que sua saúde devia ser resguardada.

Depois, em 1818, aos 41 anos, mais uma vez ele se via enfermo gravemente, e todo mundo rezou, até mesmo com preces comunitárias e públicas, pelo seu restabelecimento (veja 8.3).

Agora, o ano de 1824 marca mais uma etapa dolorosa na vida de Pe. Gaspar: a perna direita inchou rapidamente, e, à altura da tíbia, apareceu um pequeno tumor, que se estendeu progressivamente até o joelho. Ele estava com 47 anos.

O médico, o tio José Ravelli, tentou no início a cura por meio de emplastros, mas sem resultado. Então decidiu-se pela intervenção cirúrgica.

Foi chamado o célebre doutor Luís Manzoni, que tentou, com diversas incisões, debelar o mal. Os resultados foram desastrosos, também pelos terríveis sofrimentos a que era submetido o paciente.

Deve ser lembrado que, naquele tempo, não havia nenhum tipo de anestesia; cortava-se em carne viva, na medida em que o paciente estava em condição de suportar.

Pe. Gaspar enfrentou aquela prova com uma serenidade e com uma força de ânimo incrível. Jamais saiu uma queixa dos seus lábios, mas somente alguma invocação ou prece.

Somente por uma vez viram-se lágrimas molharem o seu rosto: o cirurgião, para tirar a cárie do osso, havia perfurado o fêmur.

As intervenções, que se repetiam a intervalos cada vez mais freqüentes, deixavam-no em um estado de fraqueza extrema. A escola a que Deus o chamava, a do sofrimento, jamais foi vista como um castigo, mas como uma cruz preciosa, que a seu tempo produziria frutos de bem.

Juntamente com longos períodos de imobilidade absoluta, alternavam-se momentos em que podia parcialmente retomar as suas atividades, embora reduzidas.

Em maio de 1826, Pe. Gaspar escrevia, em uma carta: “Estou de novo preso ao leito. Deus seja bendito! Ele me quer ferido, não morto, para que eu possa servi-lo e fazer a penitência que me é necessária”.

Mas a doença parecia não mais abandoná-lo. Em maio de 1827, escrevia: “O Senhor me mantém no leito debaixo de ferros e bisturis. Bendito seja! Basta-me que Ele seja servido!”.

No final daquele ano parecia que toda esperança estivesse perdida. Toda a cidade de Verona mobilizou-se para pedir a graça. E a graça veio. Em fevereiro de 1828, aos seus 51 anos, Pe. Gaspar começou a deixar o leito. Depois de onze meses, podia voltar a celebrar a Santa Missa. A convalescença foi longa.

Durante todo aquele ano ficou preso muitas vezes ao leito, mas no final, embora a saúde tenha continuado a ser sempre delicada, pode retornar a uma vida normal.

8.5. Os primeiros mártires da caridade

Naquela ocasião, o tifo maltratava a cidade. Pe. Gaspar incumbiu o Pe. Mateus Farinati de atender espiritualmente as pessoas atingidas, apesar do perigo do contágio. Pe. Farinati obedeceu e pôs mãos à obra. Adoeceu também. Para recuperar-se, teve que se afastar dos Estigmas e respirar ares melhores em sua aldeia natal, Alcenago, nas risonhas colinas de Valpantena.

Entretanto, não resistindo à enfermidade, faleceu em 17 de setembro de 1820. Morreu como holocausto à virtude da caridade, exercida em favor dos empestados de tifo. Foi o primeiro mártir da caridade da pequena comunidade, em pleno exercício de apostolado e amor fraterno.

Mais tarde, em 1842, os Estigmas tiveram que chorar, no espaço de três semanas, a morte de dois membros mais jovens.

Aos 17 de fevereiro faleceu santamente Pe. Luís Biadego, aos 34 anos. Foi a pessoa mais mística dos Estigmas, cândido como um menino.

Todos os seus pensamentos eram para o Senhor, para os Santos Esposos Maria e José, para o Paraíso.

Habitado que estava a servir aos doentes da comunidade, particularmente Pe. Gaspar, durante a sua própria enfermidade sentia-se confuso, ao ver-se rodeado de tantas atenções e cuidados.

Em uma de suas visitas, Pe. Gaspar recordou-lhe as palavras de São Paulo: “Nenhum de nós vive para si, e ninguém morre para si. Se vivemos, vivemos para o Senhor; se morremos, morremos para o Senhor. Quer vivamos, quer morramos, pertencemos ao Senhor”. (Rm 14,7-8)

Era a espiritualidade do confiante abandono em Deus, que amadurecia no Pai, e foi depois também se enraizando nos corações dos filhos.

Nos dois meses de doença, que prenunciavam sua morte, disse ao confessor que queria confortá-lo: “Estou tranquilo e não me preocupo, porque já coloquei tudo nas mãos de Nossa Senhora. Ela cuidará”.

A santa morte, junto com a dor profunda pela perda de um confrade tão jovem, foi também de grande consolação para toda a comunidade, certa de ter conquistado um protetor no céu.

Três semanas mais tarde morria o estudante Luís Ferrari, “jovem de grandes esperanças, de boa inteligência e de memória tenaz”. Era de uma bondade angélica, paciente, sobretudo, em carregar a cruz de sua própria enfermidade.

Por umas cento e quinze vezes o cirurgião teve que recorrer a incisões para tentar curar as chagas profundas, entre sofrimentos indizíveis do paciente.

Uma tarde, o enfermeiro levou-lhe algo que serviria de alívio. “Mas por que isto?” disse, olhando-o com um sorriso. “Eu não penso senão no Paraíso”.

Faleceu aos 22 anos, no domingo cujo tema da Missa é “Alegrai-vos”, dois dias depois da festa das santas Chagas de Jesus, também ele, como o Divino Mestre, todo chagado por uma escrofulose irreversível.

No final de 1843 adoeceu gravemente o Pe. Modesto Cainer, e em poucos meses seria tirado do afeto da comunidade, aos quarenta e quatro anos. Desde a sua entrada nos Estigmas, em 1824, havia se transformado no enfermeiro de Pe. Gaspar, no tempo em que este sofreu numerosas intervenções cirúrgicas na perna direita (veja 8.4).

O cronista da casa, referindo-se aos cuidados dele com os doentes, anotou: “como uma terna mãe assim os medicava piedosamente”.

8.6. Pe. Bragato enviado em missão

Pe. Luís Bragato, conforme já lembramos antes, foi talvez o filho predileto de Pe. Gaspar.

Ele já estava com Pe. Gaspar nas reuniões que antecederam a fundação da Congregação, como clérigo (veja 7.3). Mais tarde, em outubro de 1818, havia se juntado ao pequeno grupo dos Estigmas (veja 7.5).

Mas já no ano seguinte, atingido por enfermidade, foi obrigado a se retirar do convento, para tratamento de sua saúde (veja 8.3).

Retornou definitivamente em 1828, mostrando-se um verdadeiro apóstolo dos jovens, seja nos Oratórios ou nas aulas, missionário apaixonado nas suas pregações, ao povo e ao clero, diretor espiritual procurado pelo seu caráter doce e paciente.

Mas sua vida havia chegado a um ponto jamais imaginado. Maria Ana di Savoia, esposa de Fernando I dos Absburgos, feito imperador na primavera de 1835, pediu como confessor espiritual um padre italiano. O imperador transferiu o pedido ao bispo austríaco D. Grasser, que acorreu aos Estigmas e conversou longamente com Pe. Gaspar e Pe. Bragato.

Passaram-se alguns dias, e finalmente foi reunida toda a comunidade e Pe. Gaspar comunicou a decisão: o Pe. Luís Bragato iria separar-se do grupo e partiria para Viena.

O acontecimento foi saudado com alegria, embora não fosse fácil para Pe. Gaspar privar-se do filho querido, com quem contava para o futuro da obra, enviando-o para longe, em uma missão que não correspondia propriamente aos seus programas.

Pe. Gaspar impôs ao Pe. Bragato apenas duas condições: sua prestação de serviço à corte deveria ser totalmente gratuita, e não devia aceitar nenhum título honorífico.

O ministro Metternich, porém, não achou conveniente que um “adido” à imperatriz não recebesse honorários. Então, Pe. Gaspar proibiu Pe. Bragato de enviar mesmo um só centavo aos Estigmas; o dinheiro devia ser empregado para suas necessidades e para obras beneficentes.

Pe. Bragato viveu durante quarenta anos no meio da pompa da corte imperial sem nada mudar do seu estilo de vida humilde e modesto, começado nos Estigmas. À sua morte, foi dito: “Passou distribuindo benefícios e morreu pobre”. Seu túmulo encontra-se ainda hoje no cemitério de Praga.

8.7. A vida de comunidade dos Estigmas

A vida de comunidade dos Estigmas foi bem ilustrada por um escritor alemão, o sacerdote Pe. Luís Schlor, que viveu em Verona entre 1837 e 1838. Falando dos padres dos Estigmas, escreve:

“Vários padres seculares e piedosos, e em grande parte bem de vida, reuniram-se em Verona há uns vinte anos, para a própria perfeição na vida comum do claustro e na ação comunitária, e para trabalhar para a salvação dos outros, conforme as necessidades e as forças.

Por mais que esses padres façam do retiro e do escondimento o caráter principal de sua vida e ação, todavia é tão grande e evidente o esplendor de suas virtudes, e a eficácia do seu zelo, que são queridos e profundamente estimados em toda a cidade, pelo clero e pelo povo, como santos.

Seu superior, Pe. Gaspar Bertoni, um venerando e amável velho muito douto nas ciências teológicas e especialmente na direção das almas, é um oráculo para os do lugar e para os forasteiros, que, de cidades distantes, recorrem a ele por escrito, ou vão pessoalmente pedir conselhos em matéria teológica ou no interesse de suas consciências.

Ora, esse homem de tanta sabedoria e piedade sabe com tal suavidade de maneiras e ao mesmo tempo com firmeza orientar a sua comunidade, que um só espírito anima a todos, e uma só vida, por assim dizer, em todos se difunde.

Se você conversa com eles, percebe que cada um no pensamento, nos sentimentos do coração, no comportamento exterior é um retrato fiel do outro.

*Se quer saber o que principalmente é notável neles, é **a humildade, a caridade e o tratamento afabilíssimo.***

Seus quartos e moveis são simplicísimos, mas por toda a casa se percebe um tal cuidado com a limpeza que é um gosto admirá-la.

A pequena Igreja, que já pertenceu a uma confraria franciscana, foi restaurada maravilhosamente, e sempre brilha pelo decoro. Em muitas solenidades, o Clero da cidade vai com particular prazer a essa pequena Igreja para celebrar a Santa Missa.

Os próprios sacerdotes livres pregam toda semana na sua Igreja e ouvem confissões, mas só de homens. Não aceitam de ninguém presente de espécie alguma

Um desinteresse assim tão grande presente nos sacerdotes os coloca em grande reverência junto a todos. E verdadeiramente não saberia que nome mais conveniente dar a eles senão o de “pérola escondida do clero veronês”.

Nos Estigmas tornaram-se tradicionais as celebrações da Paixão em todas as sextas-feiras. Depois do canto de algumas antífonas, Pe. Gaspar era conduzido na sua poltrona ao altar do Crucifixo, para a meditação, que durava cerca de meia hora. Seguiu-se, depois, a adoração das cinco Chagas, com algumas orações apropriadas.

Ninguém melhor do que aquele homem “chagado” e sofredor poderia penetrar na contemplação do mistério da cruz. Esta era uma outra típica parte da sua espiritualidade, que Pe. Gaspar quis transmitir a seus filhos.

Das numerosas exortações que familiarmente Pe. Gaspar dava aos seus padres, temos indícios nas memórias escritas por Pe. Benciolini:

“O senhor Pe. Gaspar exortou-nos a não nos apegarmos às consolações presentes, nem mesmo das coisas espirituais, mas à felicidade eterna, e a manter o coração fixo no céu. Assim:

1. teremos mais liberdade de espírito;
2. teremos mais merecimentos;
3. teremos mais boas obras;
4. daremos mais bom exemplo.